

foto *crono* grafias



E-ISSN 2020
2595-3559

○ TRABALHO DAS IMAGENS



Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraz@gmail.com
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
Joanna Sevaio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — jmsevaio@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com
Leonardo Palhano Cabreira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — leo.csociais@outlook.com
Manoela Laitano Chaves, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — manoelalaitano@gmail.com
Marcelo Fraga, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — mrsfraga@gmail.com
Matheus Cervo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — cervomatheus@gmail.com
Thiago Batista Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — thiago.batista@ufrgs.br

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará—Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647

Organização

Felipe da Silva Rodrigues - Pesquisador associado Biev - UFRGS, Brasil
Guillermo Stefano Rosa Gómez - Doutorando em Antropologia Social (UFRGS) (PPGAS/UFRGS), Brasil
Luísa Maria Silva Dantas - Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil
Manoel Rocha - Doutor em Antropologia Social (UFRGS) (PPGAS/UFRGS), Brasil

Fotos da Capa e Contracapa

Luzo Reis, Lorena Lima de Moraes, Shana Sampaio Sieber, Nicole L. M. T. de Pontes, Juliana Nascimento Funari, Nathália Marques da Silva Nascimento, Roberta Cristina Gomes, Kecya Emanuella Beserra Freire, Janaina Henrique dos Santos, Alejandro Escobar Hoyos e Nana Brasil Falcão Nascimento

Diagramação e Editoração

Felipe da Silva Rodrigues - Pesquisador associado Biev - UFRGS, Brasil
Guillermo Stefano Rosa Gómez - Doutorando em Antropologia Social (UFRGS) (PPGAS/UFRGS), Brasil

foto *CRONO* grafias

O TRABALHO DAS IMAGENS



A morada operária, mergulho nas imagens de uma experiência etnográfica em La Grand-Combe (França)

Resumo: Este ensaio fotográfico tem por base o segundo capítulo da minha tese de doutorado sobre a organização social espacial da vila da comunidade dos mineiros de carvão, que tratou das formas de moradia e habitações operárias. A tese intitulada Era uma vez uma vila mineira, La Grand-Combe: estudo de antropologia social de 1992 (Sorbonne, Paris V), traz as condições de vida desta comunidade narradas pela última geração de trabalhadores com quem convivi de 1987 a 1991 enunciando os tempos da Companhia, os tempos da Nacionalização, os tempos de crise e de reencantamento.

Palavras chave: casas operárias, trabalho, mineiros de carvão, etnografia da duração, antropologia visual

Worker dwellings: diving through images of an ethnographic experience in La Grand-Combe (France)

Abstract: This photographic essay is based on the second chapter of my doctoral thesis. The study focused on the social spatial organization of a French coal mine' community, and dealt with the forms of housing and worker dwellings. The thesis entitled Once upon a time there was a mining town: La Grand-Combe, a study of social anthropology from 1992 (Sorbonne, Paris V), highlights the living conditions of a coal work community, narrated by the last generation of workers with whom I lived from 1987 to 1991. Multiple temporalities are encompassed: the times of the Company, times of Nationalization, times of crisis and reenchantment.

Key words: worker dwellings; anthropology of work; coal miners; ethnography of duration; visual anthropology.

1 - Professora Titular do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV).
 chicaeckert@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-2815-7064>
<http://lattes.cnpq.br/7446126566413577>

Guillermo e Felipe, organizadores deste número temático da Revista Foto-cronografias, são dois jovens antropólogos apaixonados pelas etnografias das memórias do trabalho narradas pelos trabalhadores. Sorte minha ter na equipe do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev), que coordeno junto com Ana Luiza Carvalho da Rocha, a parceria destes dois pesquisadores. Digo sorte, pois ambos seguem esta linhagem de interesse e, não raro, posso narrar para eles o que foram as experiências de etnografar em comunidades operárias, que resultaram em minha dissertação de mestrado na UFRGS (Eckert, 1985) e na tese de doutorado na Sorbonne (idem, 1992)². Nesta ocasião, ambos me desafiaram a revisitar as imagens produzidas nesta última experiência. Decidi, então, tratar das casas de famílias operárias, aspecto marcante para considerar a cultura do trabalho que atravessou o século XIX e XX, e as reflexões presentes em todas as grandes obras da história do capitalismo industrial.

La Grand-Combe foi criada no início do século XIX, com o nome da companhia que a fundou, para a produção do carvão, o que perdurou até chegar a concorrência do petróleo. Cheguei naquele pequeno vilarejo em 1987. Nas primeiras caminhadas, já era possível testemunhar uma cidade abatida, com muitas casas e pavilhões abandonados. Logo nas primeiras entrevistas, e durante os dois anos de pesquisa etnográfica, as narrativas revelavam a ambiguidade de seus sentimentos mediante a desativação econômica. Diziam ter lutado pela modernização, mas que ela os traía, matando o trabalho tradicional em face de mudanças histórico-sociais profundas. Uma nova divisão internacional do trabalho capitalista transformava o século XX de forma irreversível. A antiga cidade industrial, florescente, vivia uma imensa crise: o fechamento das minas. Desenvolvi uma etnografia da crise, ou do luto vivido por estas famílias operárias.

No tempo da companhia, as vilas operárias haviam sido construídas sob a tutela paternalista que controlava a reprodução da mão de obra do trabalho. Os pontos de extração no “país do carvão”, não estavam somente

concentrados no centro do vale de La Grand-Combe, mas também em pequenos lugarejos. As casas operárias sempre eram erigidas nas proximidades destes pontos para aproximar os trabalhadores dos locais de extração. De modo geral, essa distribuição por localidade obedecia a critérios étnicos, como demonstrava o conjunto de casas de poloneses, espanhóis, italianos ou árabes. Alguns, ainda, se mantinham em suas casas no contexto rural, muitas vezes em piores condições de moradia.. As primeiras construções por parte da Companhia de Minas de La Grand-Combe, para erigir o que definia como verdadeira vila operária, se iniciaram em 1837. Ao longo do eixo principal de trabalho de extração, o chamado vale negro, são erguidos os edifícios administrativos. No centro da cidade, a Companhia construiu o patrimônio urbano — a catedral católica, a escola, a biblioteca, a prefeitura, os escritórios e a estrutura comercial. Neste bairro, viviam os comerciantes ou funcionários mais qualificados da empresa, em moradias, em geral de dois andares, com balcão, sinal de distinção social. Nas proximidades de pontos de extração mais longínquos e dispersos, também havia escolas, armazéns, postos de salvamento e capelas.

Nas ruas mais baixas, iniciava-se uma sequência de pequenas casernas. Eram ruas muito empoeiradas, zona conhecida como “bairro dos piolhos”, devido ao fato dos moradores se acumularem em um ou dois quartos apenas. Como narrou o filho de um mineiro, até mesmo o porão, projetado para ser usado como depósito de carvão, havia sido transformado em moradia por sua família durante muitos anos. Monsieur Pondé, um velho mineiro, conta que essas ruas (la Clede, Poilus e rua de La Grand-Combe) compunham a alma da cidade, populosas e animadas.

As casernas eram alinhadas rente à rua. Ao adentrar a porta, se encontrava a peça principal da casa, a cozinha, mais conhecida como “lugar onde tudo era feito”, com um fogão a carvão, que também funcionava como aquecedor para os dias frios de inverno. As moradas operárias ainda não eram providas de estrutura sanitária. O dejetos humanos eram jogados no vale, misturando-se aos rejeitos do carvão e às águas rasas. Um constante gás exalava destas terras.

² Parte desse trajeto de aprendizado está registrado em texto publicado na Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo (Gómez, Baldissera & Rodrigues, 2019).

Do outro lado do vale, ano após ano, os bairros operários se expandiam ao longo da linha do trem. Subindo as colinas de Santa Bárbara e Airolle, e próximo a outras galerias de extração, mais casernas. Por volta de 1900, foi construída uma cooperativa de viveres e roupas, lugar importante de passagem após o expediente de trabalho. Entre o vale negro e o centro, era possível encontrar os cafés onde o “aperô” (bebida alcoólica) era apreciado. Zona de frequência masculina, o movimento aumentava no dia do pagamento (la paie), a cada quinze dias.

O filho de mineiro, monsieur Lande, relata que em seu bairro moravam famílias de diferentes nacionalidades, em geral vindas da própria Europa. A vizinhança podia ter brigas. O barulho, em especial, era motivo de conflito, mas a solidariedade era alta. Em 1989, eles demoliram a caserna onde ele havia nascido, ao lado da mina, na rua de la Clede. Hoje, renomado pintor local, ele diz retratar as cores de seus sonhos de infância, usando muitas cores escuras, lembrando terem vivido em seis nas pequenas peças da casa, misturados ao carvão. Acrescenta, em seu relato, que a vigilância da companhia sobre os costumes morais, através de uma polícia (os mouchards) e do clérigo, era intensa.

As casernas, como o próprio nome anuncia, são de origem militar; seguem um alinhamento uniforme ao longo de pequenas ruas. Podem ser térreas, ou de dois andares (apartamentos acessados por escadas externas). Este modelo, por seu baixo custo, se torna massivo no século XIX. As casernas possuíam, durante muito tempo, duas peças — sala e cozinha conjugadas e um quarto —, não passando, o conjunto, em geral, de 25 a 30m², espaço previsto para abrigar famílias de 5 a 10 pessoas. Já no século XX, eram mais comuns as casernas com três peças. As casernas alinhadas formavam uma habitação com o nome de seu construtor, mas, de modo geral, recebiam apelidos, como ‘caserna baixa’, ‘caserna dos mineiros’, ‘caserna velha’.

Após a primeira grande guerra, e com ampla necessidade de produção do carvão, muitos prisioneiros de guerra, mas também imigrantes, eram acomodados em barracas. Eram sobretudo os norte-africanos, que, neste momento, imigravam sozinhos. Aos poucos, os que queriam trazer seus familiares

faziam uma demanda ao sistema institucional responsável e obtinham um alojamento em melhores condições. Mas o tempo de espera, na época, podia ser de um a dois anos para o pleno emprego. Estas barracas foram demolidas, mas o nome ‘campo de barracas’ ainda ressoa entre os habitantes de bairros próximos ao vale negro.

Serão cada vez mais frequentes as casernas com jardim frontal e um canteiro nos fundos, uma arquitetura de casas operárias definidas como cidades-jardim. No alto da colina Santa Bárbara, a família que se tornou minha principal referência afetiva morava em uma casa com jardim frontal e horta nos fundos. A casa operária havia recebido um sanitário interno por volta de 1960. Mas estes já eram os “tempos de nacionalização” (Cf. Eckert, 2012). Após a grande guerra, por volta dos anos 1950, todo o patrimônio industrial foi nacionalizado. As minas do Estado francês herdaram uma cidade mineira com 2.650 casas operárias, em bom estado ou vetustas, e 2.000 jardins.

No tempo da nacionalização, as condições de moradia são regulamentadas pelo Estatuto do Mineiro, com direito a moradia gratuita. As casas operárias recebem melhorias, como a instalação de duchas, banheiro no interior da casa e ter água corrente. As novas casas operárias, construídas nessa época, tinham por política o distanciamento dos pontos de extração para diminuir o impacto da poluição ambiental. Na França do pós-guerra, passou a vigorar uma novapolítica nacional de habitação, pública ou privada, que constrói os H.L.M. Estes são apartamentos de dois ou três quartos, em geral ocupados por funcionários de instituições públicas, como saúde e ensino, e comerciantes.

Anos 80, tempos de crise. As minas começam a fechar. Os mineiros com tempo de serviço puderam se aposentar; outros foram remanejados para outros lugares e outras funções de serviço federal. Os aposentados que optaram por permanecer na cidade puderam comprar as casas em que moravam, ou mesmo comprar casas que eram de funcionários mais qualificados. Estes haviam partido. Mais de 20.000 pessoas buscaram outras cidades para morar e trabalhar.

Incrustada em uma região famosa por sua paisagem idílica, a região de Cévennes, meus interlocutores me questionavam por que eu havia escolhido justamente este lugar feio (pourri) para pesquisar e não qualquer outra cidade da região, tipicamente rural. Eu explicava que era este enclave industrial que me interessava conhecer. De fato, o vale negro ainda dominava na cidade. O patrimônio habitacional vetusto fora abandonado. Junto com os antigos edifícios da companhia formavam um conjunto arquitetural que passou a fazer parte do projeto de demolição, o que ocorreu em 1992. O novo projeto político, naquele momento, era o de se aproximar da paisagem turística do entorno, construindo uma zona verde a cobrir o vale negro. Os rejeitos de carvão, porém, a fuligem, o pó e o cheiro do carvão ainda impregnavam a vila em seu ritmo letárgico, habitado sobretudo por uma população idosa, que encontrava nos dias de feira, ou no jogo da pétanca (bocha), momentos de forte sociabilidade para rememorar e para continuar sobre os ritmos descontínuos.

Referências

Eckert, Cornélia. Os homens da mina. Um estudo das condições de vida e representações dos mineiros de carvão em Charqueadas/RS. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFRGS. Porto Alegre. Maio de 1985. 565 p.

Eckert, C. (1988). Os homens da mina. *Ciência Hoje*, 7(41), 36–42.

Eckert, C. (1992). Une ville autrefois minière: La Grand-Combe. *Étude d'Anthropologie Sociale*. Thèse de Doctorat. Université Paris V, Sorbonne. 10205p

Eckert, C. (2012). *Memória e trabalho: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)*. Curitiba: Appris.

Gómez, G.; Baldissera, M. e Rodrigues, F. (2019). Cornélia Eckert, "Chica". Estudos de trabalho, memória, cidade e imagem. *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*, 3, 1–18. Disponível em: <http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/lat/article/view/547/384>













